

MEMÓRIAS DE DOCENTES LEIGOS(AS) NO ENSINO RURAL DO SUL DE MATO GROSSO

v. 12 n. 25 (2024): BILROS 2024. 2

LUCÉLIA DA SILVA CAVALCANTI

Mestra em Educação pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Membro do grupo de pesquisa GEPHEMES (Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação, Memória e Sociedade), desde 2018. E-mail: lu.cavalcanti@outlook.com

ALESSANDRA CRISTINA FURTADO

Pós-doutora e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestra em História pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social UNESP/Franca (2001). Professora associada IV da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: alessandra_furtad@yahoo.com.br

MEMÓRIAS DE DOCENTES LEIGOS(AS) NO ENSINO RURAL DO SUL DE MATO GROSSO

MEMORIES OF LAY TEACHERS IN RURAL EDUCATION IN SOUTHERN MATO GROSSO

Lucélia da Silva Cavalcanti
Alessandra Cristina Furtado

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), intitulada "História e Memórias de Professores(as) de Escolas Rurais no Sul de Mato Grosso (1968-1978)". O artigo busca compreender o cotidiano escolar rural através das memórias de docentes leigos(as) que atuam no ensino rural, nos municípios de Dourados e Fátima do Sul. Utilizamos como referencial teórico as contribuições da Nova História cultural, e metodologicamente adotamos a análise documental aliada a História Oral Híbrida. As narrativas desses docentes revelaram que muitos se tornaram professores(as) sem possuir os conhecimentos mínimos exigidos e pela falta de falta de profissionais habilitados. Esses docentes leigos(as), contam como organizavam suas aulas, o que ensinavam, a relação com alunos e comunidade, aspectos que possibilitam a visibilidade da cultura escolar nessas escolas rurais.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias docentes. Ensino rural. Sul de Mato Grosso.

ABSTRACT

This This work is part of a Master's research project conducted within the Graduate Program in Education at the Federal University of Grande Dourados (UFGD), titled "History and Memories of Rural School Teachers in Southern Mato Grosso (1968-1978)." The article aims to understand rural school life through the memories of lay teachers who worked in rural education in the municipalities of Dourados and Fátima do Sul. The theoretical framework is based on the contributions of the New Cultural History, and methodologically, the study adopts document analysis combined with Hybrid Oral History. The narratives of these teachers revealed that many became educators without possessing the minimum required knowledge due to a shortage of qualified professionals. These lay teachers shared how they organized their classes, what they taught, their relationships with students and the community, elements that provide visibility into the school culture in these rural schools.

KEY WORDS: Teaching Memories. Rural Education. Southern Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

“[...] a memória não é um sonho, é um trabalho sobre tempo vivido, conotado pelo sujeito e pela cultura”. (Bosi, 1994, p.55).

Iniciamos nossa reflexão com a epígrafe de Bosi (1994), extraída de sua obra “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”. Ela nos permite compreender a memória como um processo contínuo de reconstrução e atribuição de significado, no qual o passado é constantemente moldado e reinterpretado através da lente da experiência pessoal e da influência cultural.

Nesta direção, o presente texto é um recorte oriundo de uma pesquisa de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), intitulada “História e Memórias de Professores(as) de Escolas Rurais no Sul de Mato Grosso (1968-1978)”. Partindo desse trabalho, o texto busca compreender o cotidiano escolar rural por meio das memórias de docentes leigos(as)¹ que atuam no ensino rural, nos municípios de Dourados e Fátima do Sul, no sul de Mato Grosso entre 1968 a 1978.

O recorte temporal foi definido com base na trajetória dos docentes leigos(as) entrevistados(as). O ano de 1968 marca o início da carreira de um dos sujeitos da pesquisa, enquanto 1978 representa o final da atuação desses docentes nas escolas rurais.

Utilizamos como referenciais as contribuições da Nova História cultural. Para Charter (1990, p. 14), a Nova História Cultural surgiu da “[...] emergência de novos objetos no seio das questões históricas, como as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, entre outros”.

Na história da educação, a abordagem da Nova História Cultural vem sendo bastante utilizada nas investigações. De acordo com Furtado (2012), essa abordagem expandiu o campo de análise dos historiadores, permitindo o estudo de acontecimentos da vida cotidiana e de personalidades antes esquecidas nas análises históricas.

¹ No entendimento de Amaral (1991), ser professor leigo(a) não significa falta conhecimento, mas sim menor aptidão para conduzir o processo de aprendizagem em comparação a um docente habilitado.

Metodologicamente, adotamos a análise documental aliada a História Oral Híbrida na perspectiva da entrevista. Para Meihy (1998), a história oral híbrida se diferencia da história oral pura por ir além das entrevistas e gravações, incorporando a análise dessas entrevistas com outros documentos.

Assim, buscamos estabelecer um diálogo entre os depoimentos orais e os documentos escritos, o que nos permitiu aprofundar o objeto de estudo e melhor responder os questionamentos ao longo da pesquisa.

Dessa forma, evocamos as memórias de três docentes leigos(as) que atuaram no meio rural: o professor Mário Yoshida, o professor Roque e a professora Maria Alice. Suas memórias foram analisadas em conjunto com outras fontes, permitindo-nos desenvolver uma compreensão mais profunda do cotidiano escolar nesse contexto rural.

As narrativas desses docentes revelaram que muitos se tornaram professores(as) sem possuir os conhecimentos mínimos exigidos e pela falta de profissionais habilitados. Esses docentes leigos(as), contam como organizavam suas aulas, o que ensinavam, a relação com alunos e comunidade, aspectos que possibilitam a visibilidade da cultura escolar nessas escolas rurais.

Diante do exposto, o artigo está estruturado em duas seções. A primeira seção aborda o início da carreira docente no ensino rural. A segunda seção focaliza as memórias desses docentes leigos(as), destacando seus saberes e fazeres no cotidiano escolar rural.

O INÍCIO DA CARREIRA DOCENTE NO ENSINO RURAL

Entre os docentes leigos(as) que iniciaram a carreira no ensino rural nos municípios de Dourados e Fátima do Sul no período de 1968 a 1978, a maioria eram moradores locais com um pouco mais de escolaridade, geralmente possuindo cursos primário e ginásial. Em casos raros, eram normalistas formados em Escolas Normais de outros estados. Muitos desses docentes eram filhos(as) de migrantes que chegaram na região sul de Mato Grosso, impulsionados pelo processo de colonização promovido pela Marcha para o Oeste na década de 1940.

É importante destacar que, o desenvolvimento do município de Dourados e a formação do atual município de Fátima do Sul ocorreram durante o governo de Getúlio Vargas, no Estado Novo (1937-1945). A política da Marcha para o Oeste impulsionou a intensa colonização na

região sul de Mato Grosso. Em 1943, foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados - CAND, estabelecida definitivamente em 1948. Esse movimento atraiu migrantes e imigrantes, gerando rápido crescimento populacional e contribuindo para o desenvolvimento local.

O processo de povoamento impactou profundamente o cenário rural e urbano de Dourados e região. A Colônia Agrícola Nacional de Dourados não só impulsionou o crescimento demográfico, mas também trouxe transformações econômicas, políticas, culturais e sociais. Nesse contexto, houve um aumento significativo no número de escolas urbanas e rurais em Dourados e seus distritos, resultado direto da instalação da CAND. Isso inclui as escolas onde os docentes entrevistados (as) lecionaram, como as localizadas na Colônia Nipônica Matsubara e distrito de Vila São Pedro pertencentes ao município de Dourados, e também as primeiras escolas em Vila Brasil no atual município de Fátima do Sul.

Deste modo, havia uma procura por professores para atuar nas escolas rurais, em uma região carente de profissionais habilitados. Assim, foi necessário recorrer a professores (as), sem formação ou experiência adequada para lecionar nas escolas situadas no meio rural. Segundo Furtado (2017), a contratação de docentes leigos(as) para o ensino rural era comum e normalmente, esses docentes eram indicados por pais, familiares ou pela comunidade local, pois tinham um nível de escolaridade um pouco mais elevado em comparação a outros moradores.

Nesse contexto, a maioria dos professores que iniciava a carreira docente na região não possuía habilitação específica para o magistério, sendo considerados docentes leigos. Muitos começavam ainda muito jovens, com idades entre quinze e dezessete anos, como o professor Roque, que iniciou aos dezessete, e a professora Maria Alice, aos quinze. A contratação do professor Roque se deu por indicação de uma docente, enquanto a professora Maria Alice foi indicada por um político.

Essas trajetórias podem ser entendidas como resultado das necessidades sociais emergentes e das oportunidades de trabalho disponíveis. Como bem observa Chartier (2002), as representações do mundo social são construídas e moldadas pelos interesses do grupo que as produz.

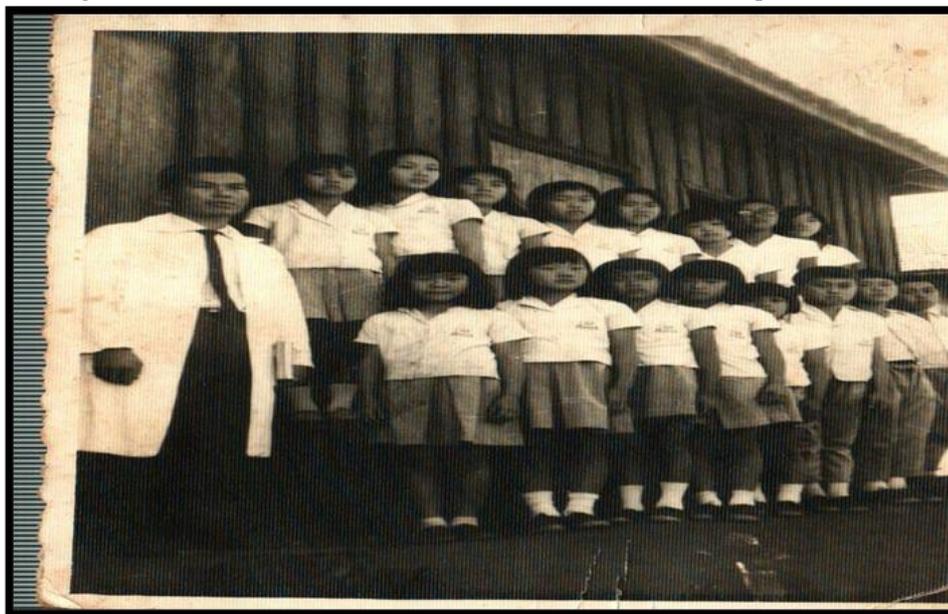
A única exceção foi o professor Mário Yoshida, que já havia se formado pela Escola Normal de Tupã, no interior de São Paulo. Mesmo não sendo característica comum nesses municípios, distritos e colônias do Núcleo Colonial de Dourados, que os professores (as) iniciassem na carreira docente já habilitados, Mário Yoshida foi uma exceção.

Nascido no Brasil, filho de migrantes japoneses que chegaram ao país em 1940 em busca de melhores oportunidades, a família do professor Mário se estabeleceu em Tupã no estado de São Paulo. Em 1968, em busca de melhores oportunidades, sua família mudou-se para o sul de Mato Grosso, no atual município de Fátima do Sul, onde Mário começou sua carreira docente. Sobre esse período o professor Mário Yoshida (2019) lembrou,

Comecei a atuar na docência no ano de 1968, com vinte e cinco anos de idade. Nesse período eu já possuía o Curso Normal para atuar em sala de aula. Iniciei nas escolas rurais da Colônia Nipônica Matsubara, pertencente ao núcleo colonial no antigo distrito de Vila Brasil. (Entrev. / Yoshida, 2019, p. 14-15).

O relato do professor Mário ganha materialidade na fotografia 1, onde ele aparece com seus alunos (as) na escola da Colônia Nipônica Matsubara.

Fotografia 1 – Professor Mário e sua turma na escola da Colônia Nipônica Matsubara



Fonte: Acervo pessoal do professor Mário (2019)

A fotografia permite um mergulho no cotidiano escolar rural, capturando lembranças significativas do tempo em que a escola funcionava e dos sujeitos envolvidos. O registro revela detalhes do espaço escolar onde o professor Mário Yoshida atuava, mostrando-o à frente de seus alunos (as), vestido jaleco branco. Os alunos, todos de descendência japonesa, estão organizados em duas fileiras e uniformizados.

No contexto da fotografia escolar, o retrato é um dos tipos mais atraentes, tanto em sua produção e preservação quanto em sua circulação. Segundo Abdala (2016), as fotografias

oferecem uma representação da educação, da escola e, principalmente, da forma como as pessoas, neste caso, alunos e professores, percebem seus papéis e funções sociais e profissionais. Assim, elas possuem duas dimensões claras: uma de suporte afetivo e outra de fonte documental.

Ainda quanto ao ingresso na carreira docente nas escolas rurais do município de Dourados e Fátima do Sul, algumas memórias se assemelham, enquanto outras se diferem. O professor Roque, por exemplo, este era filho de pais divorciados, que migrou com sua mãe de Feira de Santana, na Bahia, para o sul de Mato Grosso quando ele tinha apenas um mês de vida. Inicialmente, se estabeleceram em Campo Grande e depois se mudaram para um pesqueiro próximo ao atual município de Fátima do Sul. Após alguns anos, decidiram se estabelecer na linha Carajá, no distrito de Vila Brasil, onde Roque estudava na escola rural local e ajudava sua mãe no sítio. O professor Roque (2020) narra com detalhes seu início na docência,

Comecei a dar aula com 17 anos, uma professora que ajeitou pra mim, nesse período não tinha nenhuma formação estava cursando o ginásio. A escola que comecei a lecionar era a Escola Rural Municipal chamada Jesus do Bonfim, localizada na linha Carajá. Assim, nessa época, eu estudava e lecionava. (Entrev. / Silva, 2020, p. 2).

A história do professor Roque é marcada tanto pelo ingresso precoce na carreira docente quanto pela experiência de trabalho infantil no meio rural. Apesar da sobrecarga de ajudar sua mãe, primeiro no pesqueiro e depois no sítio, ele perseverou nos estudos, equilibrando essa rotina. Aos dezessete anos, enquanto ainda cursava o ginásio, Roque deixou as atividades no sítio para começar a lecionar. E foi assim que ele iniciou como docente leigo em uma das escolas da região.

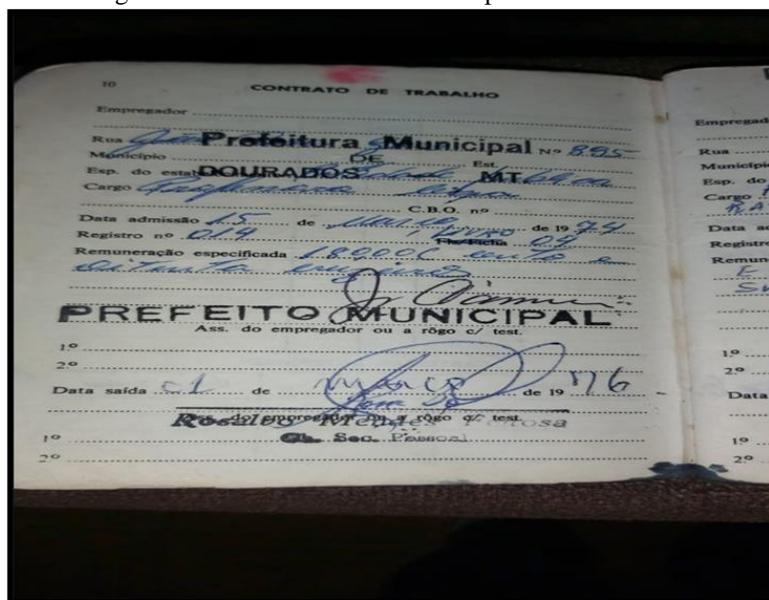
Em relação a professora Maria Alice, oriunda de uma família financeiramente estável, cujos pais eram donos do único comércio do distrito de Vila São Pedro, sempre sonhou em ser professora. Desde criança, sua brincadeira favorita era "escolinha". Em 1974, aos quinze anos e sem qualquer habilitação formal, ela iniciou sua carreira docente na Escola Municipal do Bolicho Queimado, uma escola rural. Naquela época, ainda não havia concluído o Ginásio, começando, portanto, como professora leiga. Sobre o seu ingresso, a professora Maria Alice (2020) rememorou,

[...] “Bolicho Queimado”, esse foi o nome da primeira escolinha onde eu fui ser a professora leiga, porque eu não era formada, estava no 9º ano hoje, e

naquele momento 1974 com uns quinze anos de idade eu estava no 4 ° ano ginásial. Então, como eu participava muito da escola o tabelião do cartório e vereador Perciliano Bueno Cavalheiro, me ofereceu as aulas. Meu primeiro emprego foi na prefeitura municipal de Dourados em 1974, escolinha multisseriada no Bolicho Queimado. (Entrev. / Aranda, 2020, p. 2).

Embora a professora Maria Alice tenha relatado em entrevista que iniciou sua carreira docente aos quinze anos, sua carteira de trabalho registra esse evento quando ela tinha dezessete. Os dados da carteira de trabalho são esclarecedores a esse respeito, como mostrado na Fotografia 2.

Fotografia 2 – Carteira de Trabalho da professora Maria Alice



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria Alice (2020).

Essa questão permite supor que os docentes começavam a trabalhar antes de serem formalmente registrados pelo poder público estadual ou municipal. Além disso, essa informação indica que muitos professores, no início da carreira, atuavam sem registro formal, e que a regulamentação oficial ocorria somente após terem demonstrado suas experiências na função.

Desse modo, era muito comum encontrar pessoas muito jovens como Maria Alice atuando como docente, tendo apenas como formação o Curso Ginásial ou Curso Primário, por meio de indicações e convites dos políticos locais. Conforme advertem Furtado e Moreira (2015), em muitos casos, esses profissionais eram a única opção de educação para os sujeitos.

Deste modo, através das memórias sobre o ingresso desses docentes no ensino rural, foi possível perceber que tanto o professor Roque quanto a professora Maria Alice começaram a lecionar enquanto ainda estavam no Curso Ginásial. Em contraste, a entrada do professor Mário na carreira docente, embora também tenha sido impulsionada pela necessidade de professores nas escolas rurais de Dourados e Fátima do Sul, ocorreu em circunstâncias distintas. Assim, apesar das semelhanças e diferenças em suas trajetórias e no tempo de serviço dedicado ao ensino rural nesses municípios, esses docentes desempenharam um papel significativo na escolarização das crianças.

MEMÓRIAS DE DOCENTES LEIGOS(AS): SABERES E FAZERES NO COTIDIANO ESCOLAR RURAL

As memórias dos docentes leigos (as) sobre os saberes e fazeres no cotidiano escolar rural revelaram uma rica interconexão entre tempo, espaço e relações sociais. Esses professores recordaram tanto momentos significativos e marcantes quanto as dificuldades enfrentadas ao ensinar os conteúdos das disciplinas nessas escolas.

Nessa direção, essa discussão inicia-se com a narrativa do professor Mário Yoshida que recordou das exigências das escolas em que atuou na Colônia Nipônica Matsubara, em que era exigido aos docentes que trabalhassem de forma diferenciada por meio de experiência e prática. Sobre esse período, Mário (2019) mencionou,

[...] esses japoneses queriam uma escola igual deles lá, embora pós-guerra o país carregando grandes problemas, mas a educação era, ou pelo menos queriam uma educação de qualidade... Aí me chamaram pra dar aula, mas já sabia da minha deficiência, mas também sabia que podia moldar eu ao nível do professor que eles queriam...quando passou uns dois três meses, eles acharam que eu não servia não, ah mas o problema não era falar não, o problema era o tipo de aula, segundo eles o tempo teria que ser dividido entre a prática e experiência. (Entrev. / Yoshida, 2019, p. 2).

Essas circunstâncias levaram o professor Mário a repensar suas práticas pedagógicas, buscando aprimorar suas aulas. Embora o ensino baseado em prática e experiência lhe parecesse estranho, especialmente por ser um método diferenciado nas escolas rurais, foi nesse contexto que, ao ensinar matemática, ele foi orientado a criar um laboratório para trabalhar os conteúdos diários de forma prática e experimental. A Fotografia 3 demonstra o espaço de experimentação

que ele organizou para desenvolver atividades diferenciadas com os alunos (as), utilizando como recurso principal as “sucatas”.

Fotografia 3 – Primeiro laboratório com sucatas em 1968

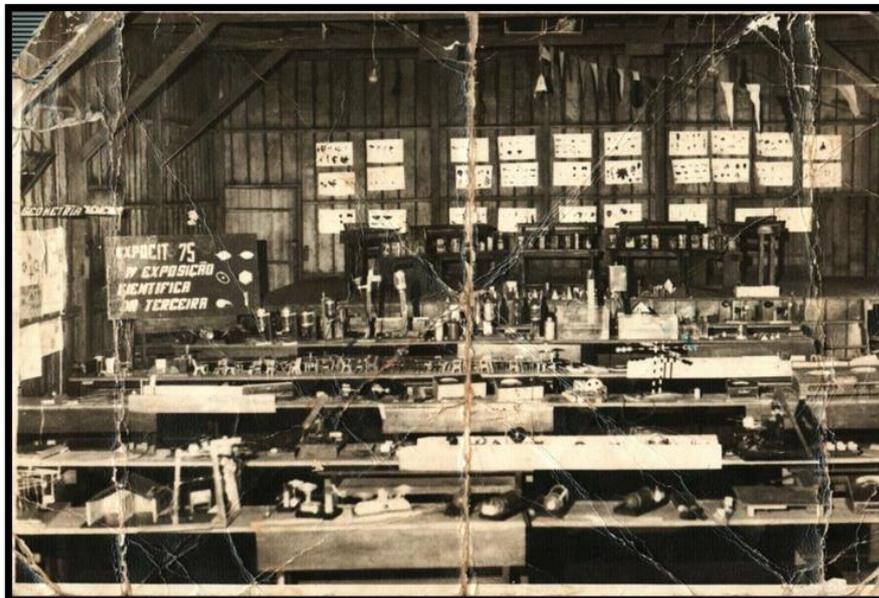


Fonte: Acervo pessoal do professor Mário (2019)

Essa imagem demonstra a criatividade na fabricação de instrumentos e equipamentos a partir de sucatas, como latas de óleo e tinta, pedaços de cano, garrafas de vidro, mangueiras, e funis, entre outros materiais. Além disso, o trabalho diferenciado do professor Mário permitiu que ele reinventasse suas práticas docentes e conquistasse seu espaço na escola da Colônia Matsubara.

A atividade do professor Mário com o laboratório de sucatas ganhou grande relevância nas escolas rurais da Colônia Nipônica Matsubara. Ela possibilitou a realização do evento “Expocit – Exposição de Artes e Ciências”, organizado por ele e incorporado ao calendário escolar. Esse evento utilizava o trabalho com sucatas como referência, como ilustrado na fotografia 4.

Fotografia 4 – Expocit-Exposição de Artes e Ciências em 1975



Fonte: Acervo pessoal do professor Mário (2020)

Durante o evento, “Expocit – Exposição de Artes e Ciências”, os alunos criavam diversas experiências e realizavam atividades artísticas e científicas. O evento, aberto a toda a comunidade local, proporcionava um momento de interação entre a escola e as famílias. Apesar de ser realizado em um espaço simples, construído inteiramente em madeira, a exposição apresentava diversos trabalhos dos alunos, que incluíam experiências feitas com sucatas e atividades artísticas.

O professor Roque relatou que, em suas práticas docentes nas escolas primárias rurais, ensinava com poucos recursos materiais, recorrendo principalmente a livros didáticos para desenvolver os conteúdos com os alunos(as). Ao lembrar essa experiência, ele mencionou,

Nessas escolas, as salas eram multisseriadas, a gente tinha pouco material e tinha que se virar com o material da gente mesmo. Naquele tempo não tinha projeto como hoje, não tinha nada disso, então era aula mesmo. E quanto ao material era livros didáticos, não tinha tanto material, a gente não recebia tanto material, cada um tinha que se virar. (Entrev. / Silva, 2020, p. 3).

Esse trecho da entrevista do professor Roque confirma as observações de Souza (2013), que destaca o uso predominante de cartilhas e livros escolares nas escolas isoladas sob a influência da pedagogia moderna. Na escola primária rural onde ele atuava, o livro didático era um dos poucos recursos disponíveis. Contudo, o professor Roque buscava ir além desse material, desenvolvendo atividades práticas que refletissem as vivências e a realidade

sociocultural e econômica de seus alunos. Ao longo de sua carreira, ele se dedicou a conectar os conteúdos ensinados com a realidade da comunidade rural. Tal fato foi evidenciado no relato do docente quando ele afirmou,

[...] trabalhei com situações do dia a dia, como a venda do leite, calcular áreas de terra, o cálculo da madeira...Para eles não era uma coisa nova e fazia parte da vivência deles, era uma coisa que eles já estavam acostumados a ouvir em casa. E eles gostavam porque eles precisavam em casa e os pais cobravam deles isso. Então, trabalhei assim, eu passava isso e já aproveitava para ensinar na minha aula, não era estranho era algo do convívio. (Entrev. / Silva, 2020, p. 9).

Diante desse relato, fica evidente a importância de o professor integrar as vivências diárias dos alunos do meio rural em suas aulas. Ao abordar situações práticas como a venda de leite, o cálculo de áreas e o volume de madeira, o professor Roque não só ensinava os conteúdos curriculares de matemática, mas também ajudava as crianças a aplicarem esses conhecimentos em suas rotinas familiares. Dessa forma, os ensinamentos se refletiam no cotidiano das famílias. Essa abordagem reflete as observações de Chartier (1990) sobre como práticas pedagógicas podem definir uma identidade social, mostrar uma maneira única de viver, simbolizar um status e criar formas duradouras de marcar a presença de um grupo ou comunidade.

Além disso, o docente comentou sobre sua relação com os alunos e seus pais: “A nossa relação era excelente! Os alunos respeitavam muito e demonstravam interesse nas aulas. Quando surgia qualquer problema, podíamos contar com o apoio dos pais” (Silva, 2020, p. 7). Muitos dos laços construídos durante esse período permanecem até hoje, [...] meus antigos alunos, agora idosos, ainda vêm me visitar no final do ano. Eles chegam e dizem: “Oh, meu professor, que saudade daquele tempo!” (Silva, 2020, p. 7).

Em relação aos saberes e fazeres da professora Maria Alice, ela lembra que para ministrar suas aulas nas escolas rurais utilizava os livros didáticos, bem como as apostilas confeccionadas pela prefeitura, e apoiava-se no método analítico sintético para ensinar seus alunos. Como na época em que a professora Maria Alice iniciou na carreira docente era bastante comum o uso desses métodos para alfabetizar nas escolas, esta professora também relatou ter utilizado a cartilha “Caminho Suave” para tal feito em sua turma de 1ª série. A figura 1 ilustra a imagem da capa desta cartilha que circulou nos anos de 1970.

Figura 1 – Capa da cartilha Caminho Suave (1970)



Fonte: Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br>

Elaborada com base nas experiências da autora Branca Alves de Lima como professora em escolas do interior de São Paulo, esta cartilha seguia o método misto ou eclético (analítico-sintético ou sintético-analítico). Na década de 1970, quando a professora Maria Alice começou a lecionar na escola de Vila São Pedro, a cartilha "Caminho Suave" era, segundo Peres, Vahl e Thie (2016), a mais bem-sucedida no ensino de leitura e escrita em todo o Brasil. Isso explica o uso desse material pela professora para alfabetizar seus alunos da 1ª série.

Além dos livros didáticos e apostilas a professora Maria Alice (2020, p. 9), recordou que usava muito os livrinhos de historinha para os alunos lerem, [...] a gente contava a história, a gente interpretava, a gente confeccionava outro usando novos personagens que não aqueles. Assim, ao contar histórias para seus alunos, a professora Maria Alice utilizava uma estratégia pedagógica fundamental. Ela não apenas despertava o interesse pela leitura, mas também incentivava a imaginação, a atenção e a reflexão dos alunos.

Vale destacar que, apesar da escassez de materiais mencionada nos relatos dos docentes, eles não desanimavam. Em vez disso, buscavam alternativas para obter os recursos necessários para a escola. A professora Maria Alice, por exemplo, organizava bazares durante eventos comemorativos das instituições onde lecionava, com o objetivo de arrecadar fundos para comprar materiais didáticos. Sobre isso, Maria Alice (2020) recordou,

Fazíamos bazar com produtos deles mesmos como tomate, cebola... Com o dinheiro comprava tudo que precisava e que eu achava que tinha que ter na escola, então eu comprava cartolina, lápis de cor, giz de cera, massinha e muito livros de historinhas que eu gostava de trabalhar nas minhas aulas.

Os bazares permitiram à professora Maria Alice aprimorar suas condições de ensino em sala de aula multisseriada, possibilitando a aquisição de materiais como cartolinas, lápis de cor, giz de cera e massinhas de modelagem. Assim, esses recursos enriqueciam significativamente suas atividades educativas.

Outro aspecto importante é que a professora Maria Alice aproveitava esses eventos de celebração para estabelecer contato com os pais dos alunos e com a comunidade local. Essa circunstância possibilita recorrer aos dizeres de Chartier (apud BOURDIEU, 2002a, p.177), de que “[...] a representação que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social”, pois a professora Maria Alice, ao aproveitar estes eventos para realizar sua prática de bazares, demonstrava as características presentes na realidade social na qual inseria-se a escola em que atuava.

Deste modo, através das narrativas dos três docentes que atuaram no ensino rural nos municípios de Dourados e Fátima do Sul, podemos reviver suas memórias que estiveram guardadas por muito tempo. Todos os entrevistados (as) afirmaram que esse período foi marcado por intenso aprendizado e experiências positivas, com uma convivência baseada em carinho e respeito.

Embora enfrentassem limitações e desafios, a colaboração entre os docentes e a comunidade escolar foi crucial para o sucesso das práticas pedagógicas. A dedicação dos professores em adaptar seus métodos às realidades locais e em construir vínculos sólidos com alunos e famílias ressalta a importância do engajamento pessoal e profissional no processo educativo. Com isso, encerramos esta seção refletindo sobre a relevância das relações construídas e o legado deixado por esses educadores no contexto do ensino rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das memórias dos docentes leigos (as) que atuaram no ensino rural de Dourados e Fátima do Sul entre 1968 e 1978 revelou aspectos importantes sobre o ingresso na

carreira e suas práticas pedagógicas. A pesquisa demonstrou que muitos desses educadores entraram na docência em resposta à escassez de professores habilitados na região.

Para os docentes como o professor Roque e a professora Maria Alice, à docência surgiu da necessidade e da oportunidade, enquanto o professor Mário, com formação pela Escola Normal em São Paulo, trouxe uma abordagem diferenciada. As práticas pedagógicas desses educadores foram desenvolvidas e aprimoradas por meio da experiência direta em sala de aula, evidenciando a prática educativa como o principal espaço de formação profissional. Assim, seus saberes e fazeres foram moldados pela integração com a comunidade local e pelas condições específicas do meio rural.

Deste modo, através das memórias desses docentes, foi possível compreender a importância das relações com comunidade e das experiências vividas na construção de suas identidades profissionais e métodos de ensino. Elas também revelaram o impacto da docência no ensino rural e o legado deixado por esses educadores na história da educação rural brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Rachel Duarte. Fotografia de e na escola: práticas do olhar e representações sociais. In: MUNHOZ, Fabiana Garcia; MORAES, Felipe Tavares; CALDEIRA-MACHADO, Sandra; ABDALA, Rachel Duarte; ALCANTARA, Wiara Rosa Rios (Orgs.). **De madeiras e artes de fazer flechas: apontamentos teóricos-metodológicos em História da Educação**. Taubaté: Casa Cultura, 2016.

AMARAL, Maria Tereza Marchi. Políticas de habilitação de professores leigos: a dissimulação da inocuidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Nacional de Educação Básica. **Professor Leigo: institucionalizar ou erradicar?** Caderno 3. São Paulo: Cortez; Brasília: SENEb; 1991. p. 37-83.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2002.a

FURTADO, Alessandra Cristina. Arquivos, fontes e instituições: um itinerário de pesquisa sobre o arquivo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto/SP (1918-1960). **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 8, n. 2, p. 186-209, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/276>. Acesso em: 7 jun. 2023.

FURTADO, Alessandra Cristina. Escolarização e Colonização no Sul de Mato Grosso: as escolas primárias rurais das antigas áreas da Marcha para o Oeste (1948-1974). In: **Anais do IX Congresso Brasileiro de História da Educação: História da Educação, Global, Nacional e Regional**, 2017. Disponível em: < <http://www.sbhe.org.br/anais-cbhe>>. Acesso em: 21 de setembro de 2019

FURTADO, Alessandra Cristina.; MOREIRA, Kênia Hilda. Professores leigos em escolas rurais primárias no Sul de Mato Grosso (1930-1970). In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. **Anais [...]. Tensões e Perspectivas para a educação brasileira**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 1-21. 2015b.

MARIA ALICE DE MIRANDA ARANDA. [setembro 2020]. Entrevista concedida a Lucélia da Silva Cavalcanti. Dourados-MS, 2020.

MÁRIO YOSHIDA. [junho 2019]. Entrevista concedida a Lucélia da Silva Cavalcanti. Fátima do Sul-MS, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. rev., ampl. Edições Loyola: São Paulo, 1998.

ROQUE GONÇALVES DA SILVA. [setembro 2020]. Entrevista concedida a Lucélia da Silva Cavalcanti. Vila São José, Vicentina-MS, 2020.

SOUZA, Rosa Fátima. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 49, p. 103-120, jul./set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/v96Y4G9VS9fbKyQr87cRJ6r/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2021.

PERES, Eliane Teresinha.; VAHL, Mônica Maciel.; THIE, Vania Grim. Aspectos editoriais da cartilha Caminho Suave e a participação da Editora Caminho Suave Limitada em programas federais do livro didático. *Revista Brasileira História da Educação*, Maringá, 16, n. 1, p. 335-372, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/40776>. Acesso em: 2 set. 2021.

Artigo recebido em agosto de 2024. Aprovado em outubro de 2024.